

sempre ser uno, era muito pessoal sempre. Sem atingir elevadas delicadezas, êle tinha pelo contrário muito vigor, o que não impedia que, sob êsse vigor, não existisse a maior correccão. Como todo o artista consciencioso e trabalhador, Gameiro conseguiu por fim fixar a sua maneira depois de alguns anos de aturado estudo. E, como a sua arte aplicada ao serviço do Museu lhe não desse talvez a coragem de tentar asas para mais largos vôos, êle ali deixou o testemunho simples, mas belo, do seu labor artístico. O Álbum de Gameiro não contém tudo o que êle produziu, pois alguns dos seus desenhos que fez estão dispersos pelos mostradores do Museu, junto dos respectivos objectos arqueológicos ali em exposição. Fora dêste Museu, é possível que existam outras provas da actividade do môço artista; como porêm me faltou o tempo para as procurar, não posso dar a tal respeito informações neste desprezioso esbôço.

Para terminar resta-me acrescentar que Gameiro, além de ser, como já disse, bom intérprete da Arqueologia, tambem sabia interpretar com muita proficiência toda a graça delicada dos objectos de Etnografia Moderna, e que a arte popular, tam curiosa, apesar de por muitos ser completamente desconhecida, era tratada por êle nos seus desenhos com desvelado affecto. Pena foi que a morte arrebatasse tam cedo o desditoso artista, perdendo assim o país um dos seus elementos de valor e do qual era lícito muito esperar no futuro.

JOÃO DE SAAVEDRA MACHADO.

---

## Crónica

### Excursões arqueológicas ao Alentejo

#### I

Em fins de Dezembro de 1913, por convite do meu antigo condiscípulo Dr. Joaquim Pedro Rebêlo Arnaud, de Pavia, dirigi-me a essa povoação alentejana com o fim de recolher alguns objectos prehistóricos (vasos, placas de xisto, machados) aparecidos pouco tempo antes no desmanchar de uma anta existente em propriedades de um parente do mesmo senhor. Reunidos os objectos, soube que me encontrava no meio de uma daquelas ricas regiões dolmênicas de que o Alentejo tem a especialidade. Mais: segundo indicações do mesmo senhor, perto da povoação, a uns dois kilómetros, num cabeço denominado o *castelo*, haviam sido encontrados objectos curiosos e antigos em meio de alicerces de edificios.

Combinei então voltar para a primavera, com as manhãs claras, a pesquisar o *castelo* e algumas antas.

E assim foi. Em 23 de Março, por uma tarde calma, depois de atravessar desde Évora, no combóio do ramal de Mora, a região porventura mais ridente do Alentejo, aportei a Pavia, vilória pequenina e antiga, a mais agradável e acolhedora de quantas se encontram naquela zona, embora decaída da sua antiga categoria e importância de cabeça de concelho. Hoje é uma aldeia agrícola, que vive no trabalho das herdades que por léguas a estrangulam, desfogada apenas em magros *ferraçais* que se lhe achegam: mantem uma linha correcta de burgo velho estiraçado sobre uma espinha montuosa, cujos topos vão morrer, de um lado nas águas ensombradas da ribeira de Tera, do outro em dilatado plaino de montados de azinho com blocos desgarrados de granito que escurecem e mancham de onde em onde a ramaria frouxa do arvoredos.

Apenas chegado, aprestei os serviços, e ao romper de 24 de Abril começaram os trabalhadores a exploração da anta grande da Lapeira.

Em 25 choveu todo o dia, pelo que tive tempo e ocasião de recolher numerosíssimos objectos de valor etnográfico: *pintadeiras*, simples e duplas; *colheres* de cabo ornamentado; *colheres fechadas*; *rôlhas* de infusa com belos desenhos; *soveleiras* de cortiça; *fusos de ilhós*, de madeira; *sovinos* de descamisar o milho; *cornas*; um polvorinho de chifre; *copeiras*; *tropeços de boneca*, de cortiça; *garfeiras*; *borsais* de machado, de cortiça; canudos de ceifa; uma sovela de cabo lavrado; os instrumentos de que se servem os pastores para bordar o cabo das colheres, uma *legra* e uma faca de entalhar; almotolias de barro, tam velhas que o povo quando quer significar que uma cousa é antiga, diz «que ainda é do tempo das *émotelias* de barro»; *saleiros* de cortiça, de formas curiosas e ornamentados; pequenas arcas e baús, de cortiça, com as tampas e paredes *bordadas*; pires e tampas de copo, de cortiça também e igualmente *bordados*; *tecedôres*, de prender a linha ao fazer a meia, de madeira e de osso; garfos entalhados de labores; um *banquinho* de madeira ornado; um *taleigo* de cortiça; moldes de *formigão* e *esgrafitos*; um tinteiro de madeira, lavrado e colorido; uma *escorveira*, pequena caixa circular, de cortiça; um *boneco bailador de fandango*, de cortiça com pernas de pau; grande corrente de elos de madeira feita da mesma peça; pratos antigos de louça portuguesa; livros antigos; etc.

Em 26 explorou-se a segunda anta da Lapeira e principiou-se de tarde a dos *Covatos*. Em 27, deixada a anterior, atacou-se a do

*Ferragial da Fonte*, que levou parte dêsse dia e o dia seguinte 28, todo.

Em 29 fui a Cabeção, onde recolhi alguns exemplares etnográficos do género dos anteriormente nomeados.

No dia 30 deu-se principio à segunda semana de trabalhos com cortes de sondagem no *Castelo*, o cabeço arqueológico de que falei no principio. Todo o resto da semana se trabalhou ali, com proveito.

Na semana seguinte, de 6 a 11 de Abril, metade dos homens continuou no *Castelo* e a outra metade trabalhou nas antas; em 6 na *Folha de Anta* (Tramagueira), em 7 no *Considreiro* (em frente de Cabeção); em 8 na *Adua* primeira (Pavia) e nas da *Madre de Deus* (Tramagueira); em 9 na *Adua* primeira e segunda; em 10 no abrigo sob rocha da *Pedra Moura* (Lapeira); em 11, de manhã, no mesmo lugar, e de tarde na anta-capela de S. Denis, na própria vila de Pavia.

Em 12, domingo, encaixotaram-se os objectos recolhidos e regressi a Lisboa.

## II

Como o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Leite de Vasconcelos entendesse, pelo bom resultado da excursão antecedente, que valia a pena continuar a exploração do «Castelo» e a de algumas antas que eu deixara intactas, voltei ao Alentejo e a Pavia.

Parti no domingo, 26 de Abril, e toda a semana que seguiu, até 2 de Maio, se passou em escavações do «Castelo», que não desmentiu a fama que criara de estação importante da época calcolítica.

No dia 1 de Maio, de tarde, segui para o Vimieiro, onde colhi abundantes exemplares etnográficos e donde voltei no dia seguinte.

Domingo, 3 de Maio explorou-se a anta ribeirinha da Cré; no dia 4, a anta do Matalote; dia 5, de manhã, uma outra perto dessa e junto da linha férrea de Mora e do Monte das Antas, de tarde, a primeira de Pocicaros; a 6, de manhã, Pocicaros primeira, e de tarde Pocicaros segunda; no dia 7 de manhã a anta do Remendo (S. Miguel), e de tarde uns alicerces circulares que se encontravam em quantidade num cabeço da herdade da Cré, e que afinal nada deram, apesar de todo o dia 8 se ter perdido neles; a 9, uma anta grande, também dentro da herdade de Cré.

Durante esta semana, de 4 a 9 de Maio, os trabalhos do «Castelo» continuaram, quasi sempre a aterrar e a nivelar o solo.

No domingo, 10 de Maio, fui a Cabeção, onde examinei a estação romana que existe junto do cemitério da vila, e na povoação obtive amavelmente do Ex.<sup>mo</sup> Sr. P.<sup>e</sup> Rafael de Castro uma bela pedra de-

corativa romana, e por oferta do Ex.<sup>mo</sup> Professor oficial J. Zorrinho, uma curiosa colecção de louça do Redondo para brinquedos de crianças; fiz além disso várias outras aquisições.

No dia 11 fui a Brotas, terra de oleiros e da afamada Senhora do mesmo nome, povoação que nasceu do culto e das romarias que de todo o Alentejo acudiam ali. Colhi objectos etnográficos e tirei algumas fotografias do trabalho do barro, e, amavelmente guiado pelo Ex.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> Estêvão Godinho, visitei a igreja que tem preciosidades no seu revestimento de azulejo.

No dia seguinte encaixotaram-se os objectos recolhidos, e a 13 parto para Évora, donde, de carro, segui com o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Abel Rego para os Cortiçais, a examinar uma estação romana.

Ali os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Joaquim Inácio Calhau e Francisco Calhau, importantes lavradores, franquearam-nos as suas terras e montes, e pude averiguar a existência de um cemitério romano por incineração, perto um edificio de pequenas dimensões, mas de construção ciclópica, restos decerto de um *blockhaus* de vigia, romano também.

Nesse mesmo dia e no dia seguinte, em Évora, fiz aquisição de mais objectos etnográficos de barro, e recebi, por oferta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Florival Sanches de Miranda, cinco vasilhas portuguesas antigas, tempo antes descobertas nas abobadilhas de uma casa que o mesmo senhor mandou deitar abaixo no pátio do Salema. E regresssei a Lisboa.

\*

Antes de terminar êste abreviado diário ou crónica arqueológica, quero deixar bem expresso o meu reconhecimento, por me terem concedido explorar os monumentos preistóricos existentes nos seus terrenos, aos Ex.<sup>mos</sup> Srs:

Joaquim António Arnaud, proprietário das antas de Tramagueira, Considreiro, Madre de Deus; e a seu filho Dr. Joaquim Pedro Rebelo Arnaud.

José Eduardo Arnaud, proprietário do terreno do «Castelo» e do Ferragial da Fonte.

José Homem da Costa, proprietário das antas da Lapeira e Covatos.

Joaquim Nunes, de Mora (anta da Cré), Manuel Aguincha (da Adua) e Josué Ribeiro (do Matalote).

Belém, 16 de Maio de 1914.

VERGÍLIO CORREIA.